



VILLA NOVA DE PORTIMÃO.

Villa Nova de Portimão, que a nossa estampa representa, é das mais consideráveis e populosas povoações do Algarve.

Assentada na margem d'um rio, a duas leguas, pouco mais ou menos, de Lagos, possui um bello porto, cuja entrada é vigiada e defendida pelos fortes de Santa Catharina, e de S. João.

No porto podem fundear com toda a segurança embarcações de alto bordo.

Villa Nova de Portimão tem uma parochia, da invocação de Nossa Senhora da Conceição. Tem também casa de misericórdia, e um hospital pertencente a esta.

Seguindo boas opiniões, foi ali fundado em 1541 um convento de capuchos da Piedade; e em 1659 ou 1660, um collegio de jesuitas, que occupava uma boa porção de terreno no arrabalde do lado da terra.

O commercio em Villa Nova de Portimão tem tido grande desinvolvimento, e a povoação, debaixo do ponto de vista commercial, é das mais importantes.

Foi Gonçalo Vaz de Castelbranco, escrivão da puridade de el-rei D. Affonso v, o primeiro senhor de Villa Nova de Portimão; e depois seu filho, Martinho de Castelbranco, foi por el-rei D. Manuel elevado á dignidade de conde de Villa Nova.

Decorridos tempos, este senhorio passou á casa de Lencastro pelo casamento de D. Magdalena de Vilhena com D. Pedro de Lencastro, conde de Figueiró.

Ao criminoso pesa mais a consciencia, que a calçeta.

A optica serve-se das lentes concavas para diminuir os objectos; das convexas para os augmentar: olhamos por aquellas para os nossos defeitos, por estas para os alheios.

VOL. V.—3.^a SERIE.

O PAGEM DA RAINHA.

ROMANCE.

Continuação.

V

PRIMEIRO ESFORÇO BALDADO.

Na grande sala todos os cavalleiros do senhor rei D. Fernando se agrupavam n'este momento, mas não reunidos indistinctamente como na vida do monarcha, porque d'um lado muitos cercavam o Mestre d'Aviz, ao passo que outros pareciam fazer o cortejo da rainha regente, ou talvez do conde de Ourém.

Ao entrar D. Leonor tomou o logar que lhe competia, na grande cadeira de espaldar; e Vasco Martim conduzido entre dois pagens trazia a sua real senhoria o pergaminho que das suas nobres mãos recebera pouco antes, que ella tomava de sobre a almofada de veludo carmezim em que os pagens lh'o apresentavam, e voltando-se para o Mestre d'Aviz disse-lhe:

Sêde bem vindos, nobres senhores e cavalleiros, crêde que é para mim de grande conta, ver-me cercada da boa ngbreza lusitana, para que se possa meditar na desgraça que pesa sobre o nosso paiz tão querido, e conjural-a para longe.

Havia um *não sei que* de calculado e falso nas palavras de D. Leonor, que no grupo que cercava o Mestre todos se olhavam descontentes, e parecia que um rumor surdo presagiava uma tempestade que teria mui breve de rebentar estrondosa aos pés do throno portuguez.

— Aproximae-vos, continuou D. Leonor dirigindo
NOVEMBRO, 22, 1856.

do-se a D. João; o meu proceder ao presente, vae patentear-vos que a rainha não esquece os vassallos, que a rainha só deseja ter para sua guarda e protecção os leaes amigos do rei finado; é a vós senhor D. João, irmão do senhor D. Fernando, meu muito amado e chorado esposo, a quem principalmente a rainha recorre no momento do perigo; sois vós também que mais deveis contar com a minha real munificencia e é em penhor d'ella, destemido e esforçado cavalleiro, que eu vos offereço o governo e defensão da fertil e possante provincia d'Alemtejo.

O rumor que se ouvira, redobrava agora, e quem tivesse escutado com attenção, sentiria D. Ruy que dizia baixo a D. Gonçalo: Não vol-o tinha dito?

— Em muito me haveis, magnanima senhora, disse o Mestre d'Aviz, curvando-se diante da rainha, regente de Portugal, e suffocando ainda no peito os impetos fogosos d'um coração ambicioso e que desejava conquistar a independencia aos povos de seus maiores. Aceito respeitosa e difficil empresa que me confiaes, ainda que conheço que nada sou e nada valho.

O descontentamento manifestou-se claramente na frente dos companheiros do Mestre, e elle proseguiu:

— Aceito porque não cumpre ao filho do senhor rei D. Pedro, justiceiro, recusar uma parte na defensão dos estados de seu pae.

E a magoa foi tornada em alegria no rosto dos cavalleiros leaes.

— Vou desempenhar o nobre encargo comi que me honraes, continuava D. João animando-se, vou partir... Quem sabe se voltarei? Escutae pois, senhora, o povo portuguez que por minha bocca vos falla.

D. Leonor estremeceu.

— Vou mostrar-vos o estado do infeliz Portugal, continuou o filho de Theresa Lourenço, lembrae-vos que as nossas valentes fronteiras ante as quaes recuava tremendo o moiro atrevido, estão invadidas pelo castelhano audaz; e as nossas torres, pharoes d'antigas victorias, jazem despojadas das suas ameias e ameaçam desabar em ruinas sobre os vencedores do filho do propheta, as mil nadantes quilhas que inda ha pouco arfavam soberbas nas aguas do Tejo, apodrecem na ociosidade, e vossa filha a senhora D. Beatriz, a nobre herdeira do neto de D. Sancho, o Bravo, d'aquelle que se appellidou rei de Castella, que no cunho da sua moeda enlaçou as garras dos leões hespanhoes, com as quinas de Portugal, d'aquelle que entregou seis galeras doiradas á mercê dos ventos e das ondas, só lhe competirá a vergonha e o esquecimento.

No animo de D. Leonor revolviam-se pensamentos encontrados, não podia atinar se uma traição premeditada lhe ordenaria operar sem demora, não sabia se o animo patriótico de D. João o levaria ao esforço exagerado de lhe pintar com tão negras cores o destino portuguez; mas D. Leonor que não podia ler no rosto dos cavalleiros do Mestre mais que lealdade, e no de João Fernandes Andeiro mais do que receio, calou ainda, e fitando os olhos nos rostos que a rodeavam buscava ler-lhe na alma.

— O estandarte luso, proseguiu D. João erguendo a voz magestosa que Deus já fadara para bradar victoria ante os muros de Ceuta: o estandarte luso que fluctua victorioso derrubando a bandeira das meias-luas, que calcou cheio de gloria o pendão da Mauritania, jaz abatido, prostrado, quasi rasgado pelas garras dos leões de Castella. Santarem, Lisboa, Elvas, praças que viram florescer nossos avós, vêem agora sómente o opprobrio e a infamia que nos ve-

xam, que nem já merecemos o honroso nome de portuguezes.

E um brado quasi unanime se faz ouvir pelo salão:

— Sim, sim é verdade.

D. Leonor, ergueu-se pallida e tremula, porém o Mestre continuou cheio de enthusiasmo e amor patrio:

— Eia pois, senhora, arvorae a bandeira da independencia nos muros lusitanos, espalhae por entre os vossos vassallos as rosas da liberdade. Remediae prompta os nossos males, mostrae-vos digna de reinar nos portuguezes!..... aliás teme a voz do povo que já começa a bradar; teme-a porque a voz do povo é a voz de Deus. E arrebatado no seu santo amor pelas gentes que Deus lhe daria para reger um dia exclamou com fogo: Se o não salvardes, não vos salvará elle também; salvae os lusitanos, porque vereis a Europa agradecida curvada ante vós, bem como vedes n'este momento os ricos homens e os nobres.

Voltando então para os que o acompanhavam, e ajoelhando elle mesmo em frente de D. Leonor, bradou-lhes desembainhando a sua potente e gloriosa espada, e arremessando-a pouco depois aos pés da rainha:

— Eia, heroes valentes, disse elle, de joelhos, de joelhos, lançaes as vossas espadas por terra ante a rainha, e jurae comigo não as levantar senão para salvar o nosso Portugal.

E todos, imitando D. João, bradaram:

— Sim, sim, nós assim o juramos.

Estes brados que deveriam fazer pular d'amor e de dedicação um rei que amasse a terra de quem mantinha a sorte, abaixo de Deus, fez estremecer de rancor a mulher perjura a João Lourenço, e ao seu real esposo, como é historia mui sabida, e correndo ao Mestre perguntou-lhe audaciosamente:

— D. João, D. João, que quer dizer esta linguagem? Mas não esperando resposta, e animada por um novo pensamento, vendo em cada rosto um inimigo, exclamou, olhando João Fernandes Andeiro:

— Isto é uma traição... Senhor conde, pedi a espada a esse homem! E designava o filho de D. Pedro.

D. João d'Aviz sentiu mais desprezo do que raiva pela affronta que da adúltera recebera, e recuando um passo, recuperou breve toda a magestade do seu real espirito, e disse-lhe tranquillamente:

— Vede bem o que fazeis, Leonor Telles de Menezes.

— Obedecei conde, bradou a rainha, tremula de raiva por ver seu cunhado lembrar-lhe no seu antigo nome as phases pouco lisonjeiras da sua vida de deshonra e de crime talvez.

— Escutae, bradou alto e pausado o real amigo de Nuno Alvares, haverá..... talvez seis mezes, que um homem por mandado da esposa do rei de Portugal partiu para Inglaterra, levando consigo papeis de importancia para João Fernandes Andeiro.

No rosto dos companheiros do Mestre lia-se um sorriso de triumpho, no conde e seus amigos só poderiamos ver a admiração, porque mal podiam atinar ao que motivava tantas mudanças; mas a frente da rainha mudou subitamente, fez-se pallida como um brandão de cera, ergueu o braço como para ordenar silencio ao Mestre que proseguia, sorrindo desdenhosamente, e esmagando debaixo de cada uma das suas palavras a inimiga que ha pouco se acreditava soberana da victoria.

— Já me comprehendéis, dizia elle, não é verdade, D. Leonor? Este homem foi preso, os papeis apprehendidos, baldados foram os seus esforços para tornar a havel-os... entre elles ia uma carta...

O desejo de D. Leonor fallou antes que a razão podesse pronunciar uma palavra.

— Que jaz destruída, não é assim? perguntou anciada a real viúva.

— Que jaz em meu poder, disse tranquillo D. João apresentando-lhe a carta; sabeis o que esta carta contém?!...

— Calae-vos, exclamou abatida a orgulhosa dona, calae-vos por piedade.

— Deixae-me, senhora, disse elle, voltando-lhe as costas com incrível desprezo, e voltando-se para os cavalleiros:—escutae-me senhores, ouvide-me todos.

—D. João, continuava ella baixo, D. João, por mercê.

— Não vou d'aqui para o carcere? perguntava o Mestre á rainha; talvez assassinado esta noite chore amanhã no ceo por Portugal. Eu lego-vos esta carta, disse elle aos senhores que se agrupavam em redor d'elle; vós legae-a ao povo.

— D. João, D. João, bradou ella atalhando-o; vós estaes livre!... e proseguiu mais baixo:— occultae essa carta.

O mestre olhou-a e sorriu, e cruzando os braços, altivo e magnânimo, exclamou nobremente:

— Leonor, Leonor, qual de nós é aqui rei?

No mesmo momento um cavalleiro, todo vestido de preto com grandes barbas brancas que quasi lhe chegavam á cintura, appareceu no topo do salão, e saltando do fundo do coração uma voz tremula e dolorosa, clamou:

— D. Leonor Telles de Menezes!

Todos se voltaram, ninguem conheceu o velho, e era todavia um cavalleiro portuguez, mas nos labios de D. Leonor escutou-se mui baixo:

— João Lourenço da Cunha!

Continua. F. SOARES FRANCO, JUNIOR.

VIAGENS DE BECKFORD A PORTUGAL.

Continuação.

CARTA XX.

ESPERA-SE A RAINHA EM CINTRA. — DUQUE DE LAFÕES.

— FEIRA DE PENHA LONGA. — PASSEIO NOCTURNO.

Setembro 10 de 1787.

Adeus tranquillidade de Cintra, em breve só haverá confusão e bulha! Está para chegar a rainha com todas as suas damas de honor, secretarios de estado, anões, negrinhas, e cavallos brancos, pretos, e malhados. Melade das quintas d'estes contornos ficarão seccas, tomando-se posse militarmente dos aqueductos, e derivando-se as suas aguas por novos canaes para uso do arraial.

Passeava eu debaixo de longas latadas de limoeiros dispostas em arco, quando me appareceu ao caho da avenida M.. acompanhado do duque de Lafões, o mesmissimo personagem bem conhecido em toda a Europa pela denominação de duque de Bragança, posto que não tenha direito a este illustre titulo, que anda unido á corôa. Chamasse-se elle duqueza viuva, se mais vos apraz, não seria eu quem lhe disputasse a propriedade do titulo, conhecendo-o por

uma especie de camareira velha, com eguaes ninharias e melindres; põe ainda côr e signaes, e posto que já tenha visto setenta invernos, ainda procura fazer rodopio sobre os calcanhares e mexer-se com juvenil agilidade; muito me abysmou a facilidade de seus movimentos, porquanto me haviam dito que era martyr da gota. Depois de cecear em francez com a mais requintada accentuação queixas contra o sol e as estradas, e o estado da architectura, abalou (graças a Deus!) para ir marcar o sitio do acampamento da cavallaria, que hade guardar a sagrada pessoa da rainha durante a sua residencia n'estas montanhas. M... tinha obrigação de acompanhá-lo; porém, deixou seu filho, e seus sobrinhos, os herdeiros da casa de Tancos, para jantarem comigo.

À tarde Verdeil, enfastiado de andar de uma banda para a outra nas varandas, propoz uma cavalgata á proxima povoação, onde havia feira; elle e D. Pedro montaram nos seus cavallos, precedendo-me e aos mancebos Tancos, que iam em carrinho puxado por valentes machos. As estradas são abominaveis e correm ao longo da falda ladeirenta das montanhas de Cintra, que na primavera são, não ha duvida, soffrivelmente vestidas de verdura; porém, na estação actual qualquer fevera de relva está resequida e mirrada. As rodas da nossa carruagem, resvalando de esguelha por aquelles escorregadios declives, faziam exhalar cheiro muitaservas aromaticas meio-pulverisadas. Um de original estylo gongorico diria que a natureza nos brindava com uma pitada do seu melhor cephalico: e de certo que nenhum tabaco me promoveria tão violento accesso de espirros.

Não sabia da cabeça quando chegámos á feira que se faz n'um rocio, limitada de um lado pelos pittorescos edificios de um convento de Jeronymos e pelo outro por eminencias penhascosas, quebradas em grande variedade de formas extravagantes; um penedo especialmente, que chamam dos ovos, coroado por uma cruz, remata aquella aggregação e exhibe exquisita apparencia brutesca. Detraz do convento, densa matta de oliveiras e os pomares occupam um valle curto refrigerado pelas fontes, cujas limpidas aguas são encaminhadas para os differentes claustros e cerca por um aqueducto de marmore ordinario que sustentam arcos chanfrados no gosto moirisco.

Os camponezes que concorreram á feira andavam espalhados pelo terreiro, conversando alguns com os frades, outros meio violentos cambeteando e estendendo-se no chão, outros comprando coifas de seda e arrecadas de oiro falso para presentear as namoradas. Os monges, que andavam azafamados em administrar toda a casta de consolações, tanto espirituas como temporaes, conforme as suas respectivas edades e vocações, felizmente não deram por nós e assim escapámos de sermos empanturrados com doces e perseguidos de comprimentos.

Ao sol posto voltámos ao Ramalhão e tomámos chá na sala mirante em que ha nada menos de onze portas envidraçadas e janellas de vastas dimensões. O vento estava socegado, o ar balsamico, e o ceo de um azul tão suave que não nos soffreu o animo ficar engaiolados, e tomámos outra vez os nossos vehiculos, indo até á nova casa do consul hollandez á luz confusa de innumeraveis estrellas.

Passava das dez quando recolhemos á quinta do Marialva, e antes de chegarmos ouvimos as toadas sentidas de vozes e instrumentos de vento que saíam do arvoredo. A borda do tanque principal sentavam-se a marquezia e D. Henriqueta, e um numeroso gru-

po de criadas, algumas bem engraçadas creaturas, escutando com todo o embevecimento d'alma o ensaio da musica deliciosa que havia de ser executada n'uma serenata a sua magestade d'ahi a dias.

Era uma das serenas noites encantadoras em que a musica adquire duplicado attractivo, e abre o coração a impressões maviosas, posto que melancolicas: nem uma folha susurrava, nem um leve sopro de vento perturbava a clara chamma das luzes col-

locadas junto das fontes, e que exactamente serviam para tornal-as visiveis; as aguas correndo para as caldeiras cavadas em redor dos pés dos limoeiros formavam um murmurio brando; e nas pausas do concerto nenhum som se escutava, excepto o de phrases imperceptiveis ditas baixinho ao ouvido; de modo que os encantos do clima, da musica e do mysterio me enlevaram n'um extasi de que sai com pena e reluctancia.

M.

L'ART DES FEURS

ODE A MONSIEUR CONSTANTIN

L'art sous ses mille aspects est d'essence divine;
Son horizon sans borne est l'espace vermeil;
En tous lieux il rayonne, il brille, il illumine:
C'est le disque d'or du soleil.

Il revêt à l'envi cent formes saisissantes.
Ici, sous les couleurs qu'animent les pinceaux,
Il étale à nos yeux des toiles ravissantes
Et de magnifiques tableaux.

Là, d'instruments sans nombre aux gammes infinies,
Et de la voix humaine aux magiques ressorts,
L'art créateur enfante un monde d'harmonies
Dans les plus merveilleux accords.

En mille objets divers il s'étale et s'exprime
A l'ouïe, à la vue, à tous les sens humains;
Sous la main qui le guide et l'esprit qui l'anime,
Il a des charmes souverains.

Constantin, vous, artiste, aux rives embaumées,
Au ciel des doux parfums, aux régions des fleurs,
Vous avez apporté d'autres fleurs animées,
D'autres parfums, d'autres senteurs.

Dans ce mond attrayant de grâces merveilleuses,
De multiples couleurs, de beautés, de rayons,
Vous semez à l'enfant sous nos mains curieuses
Vos charmantes créations.

Sous vos habiles doigts, dans vos ardentes veilles,
La nature à vous seul explique ses secrets;
Elle ouvre à votre esprit ses plus riches merveilles,
Qu'elle cache aux yeux indiscrets.

Votre art, c'est la nature, et les fleurs sont vos oeuvres;
Fleurs des champs ou des monts, des jardins ou des bois,
Qu'on le doive au soleil comme aux soins des manoeuvres,
Se multiplient sous vos doigts.

A ces créations, fruits de votre génie,
Rien ne manque, l'éclat, la fraîcheur, la bonté;
Tout fait brillant cortège à la grâce infinie
C'est la nature en vérité!

Oui, vous êtes artiste, et le premier sans doute
Qui jamais ait traduit, à notre étonnement,
Les ouvrages de Dieu semés sur votre route
Avec autant de sentiment.

Car vous trompez nos sens, l'âme, l'intelligence,
Hésitent à marquer, dans mille fleurs au choix,
Celles que nous devons à la Toute-Puissance
Ou qui sont l'oeuvre de vos doigts.

F. CAMPADILLI.

A ARTE DAS FLORES.

ODE A CONSTANTINO.

Nos mil aspectos seus, a arte é divina.
Purpureo, immenso espaço é-lhe horisonte,
Que luz, brilha, allumia em toda a parte...
É do sol aurea fronte.

Traja, á porfia, seductoras formas...
Aqui — nas côres d'immortaes pinceis,
Vêl-a se ostenta, em primorosas telas,
Em egregios paineis.

Lá — nos mil sons dos instrumentos varios,
Da voz humana em divinal canção,
Um mundo d'harmonias gera, cria,
De maga afinação.

Em objectos sem fim pompeia, falla,
Ao ver, ouvir, a todos os sentidos:
Sob a mão, que a conduz, alma, q̃ ánima,
Tem encantos subidos.

Tu, Constantino, ás margens recedentes,
Ao ceo fragrante, á região das flores,
Diversas, animadas flores deste,
Novos, gratos olores.

N'esse mundo attractivo de mil graças,
De luz, de côres, de belleza infinda,
Tu nos dás, sem cessar, creações novas,
E qual a qual mais linda.

Em teus dedos subtis, vigílias tuas,
Segredos seus a natureza falla:
E as raras maravilhas, que t'ensina,
Aos indiscretos cala.

Por arte — a natureza; a flor, por obra;
D'estufa, de jardim, — a flor do prado;
Do sol producto, ou de lavor humano;
Tudo has multiplicado.

Em creações taes, — producto de teu genio,
Mede-se inteira a escala da belleza;
Cortejo á perfeição, ali é tudo,
É a propria natureza!

És artista; — e o primeiro, que nos deste,
Por entre assombro nosso, e rendimento,
Obras de Deus, em teu caminho soltas,
Com tanto sentimento.

Enganas os sentidos: — a alma hesita
Na escolha de mil flores, em confusão,
Por não saber, quaes deve, ao Omnipotente,
E quaes, á tua mão.

J. DA C. CASCAES.



ILHA DE SANTA CATHARINA.

Na provincia de Santa Catharina está situada a ilha do mesmo nome, que, não só pela bondade do clima, senão pela fertilidade do terreno, é dos melhores sitios da provincia.

Já era bastante populosa, quando nas montanhas, em 1815, se descobriram aguas thermaes, cujas virtudes, avaliadas posteriormente, lhe attrahiram triplicada população, subindo por essa razão muito a importancia que já tinha.

Vista a efficacia de taes aguas para muitas molestias, pareceu acertado e conveniente fundar ahí um estabelecimento de banhos, e foi requisitada uma força de tropa, para a conservação do mesmo.

Porém os naturaes, bugres, que é uma raça feroz e indomita, não ficaram contentes com a presença do destacamento, que fôra concedido em conformidade da requisição, e determinaram destruil-o.

Para isso, urdiram uma traição, com a qual conseguiram aniquilar os soldados, incendiando o edificio que lhes servia de quartel.

Depois, como é de suppor, houve represalias. O estabelecimento foi de novo edificado, e parece que ainda existe.

INDUSTRIA.

Segundo os dados officiaes, o valor dos objectos que constituíram a exposição universal de Paris, subiram, não incluindo os de França, a 22 398:486 francos. D'esta somma correspondem 1.556:710 francos á Austria, e 1.037:909 á Suissa. Os artigos industriaes francezes representaram um capital de 36.000:000 francos.

RELAÇÃO DAS COISAS QUE ACONTECERAM EM A CIDADE DE ANGRA, ILHA TERCEIRA, DEPOIS QUE SE PERDEU EL-REI D. SEBASTIÃO EM AFRICA.

XXX

De como veio Gaspar Homem á Villa da Praia em uma caravela com cartas sobre se entregar a ilha.

Um Gaspar Homem natural desta ilha e morador nas Lagens, termo da Villa da Praia, andou em demanda com uma Maria Gaspar filha de Gonçalo Pita Feyo, mulher honrada, e de bons avós e parentes; o qual a não queria receber sendo com ella casado, e ter contra elle muitas sentenças, o qual por ser teimoso e a não querer receber foi declarado por excommungado, té se pôr interdicto na ilha, sendo ella uma mulher muito galharda, moça e pobre, e por este respeito a não queria receber, e teve arte que, excommungado, se acolheu fora desta ilha, e se foi para Lisboa, e lá dice que era muito apatentado na villa da Praia, dos principaes da ilha, e que elle faria, com ajuda dos parentes e amigos, reduzir a ilha a serviço d'el-rei D. Philippe. Parecendo assim bem aos Governadores da cidade de Lisboa, e do Reino, lhe deram muitas cartas para alguns nobres, e cidadãos desta cidade, e moradores da ilha, e o mandaram em uma caravela alfamista, a qual veio á villa da Praia, e começando a fallar não faltou ao povo mais que espedrejarem-no. Os parentes irmãos e cunhados não lhe poderam valer, e logo foi preso e lhe tomaram todos os papeis, e preso veio á cadeia desta cidade onde esteve té a vinda de Manuel da Silva, conde de Torres Vedras, e depois de

vindo foi o ditto Gaspar Homem sentenceado, que morresse enforcado, e se poz uma forca acima de S. Bento, na saida desta cidade, em um alto do caminho, por onde elle e seus parentes vinham. Estando para nelle se fazer justiça, foi forçado aos parentes delle ir rogar a Maria Gaspar, com quem elle não queria casar ou receber, e pela não receber se tinha ausentado da ilha, que o fosse pedir ao conde, porque logo a queria receber por sua mulher; a qual movida dos rogos o foi fazer pedindo-o por marido, e pelos serviços de seu pae e irmãos. O ditto Manuel da Silva, como era logar tenente do Snr. D. Antonio lhe perdoou, e lhe deu a vida pelos respeitos sobreditos, e logo foi solto e casou com ella. Este Gaspar Homem, depois de estar casado, por seu pae della e seu irmão serem capitães, e muito do serviço do Snr. D. Antonio, se fez o ditto Gaspar Homem tanto do serviço do Snr. D. Antonio, que fiando-se delle algumas pessoas, que eram do serviço de el-rei Philippe, e descubrindo-lhe seus intentos, elle os accusou, e Manuel da Silva os fez prender; e depois que entraram esta ilha por Sua Magestade se foi della, e se foi requerer serviços de quando o queriam enforcar, e veio com o habito de Christo, e com outras merces, e destes bouve alguns nesta cidade.

XXXI

De como vieram capitães francezes e inglezes, com soldados, para ajudarem a defender a ilha.

Antes da vinda do conde de Torres Vedras, Manuel da Silva, o qual veio de França para esta ilha no mez de Fevereiro do anno de 1582, alguns mezes antes veio um capitão inglez chamado Henrique, com soldados; e assim veio outro por nome Duarte Perim, e outros dois, e algumas naus inglezas, com licença da rainha. Veio o grão capitão Carlos, francez, e outro Baptista, homens fidalgos, e com grandes casas. Estes dois, Carlos e Bautista, eram como mestres de campo, porque tinham outros capitães debaixo de seu mando, e governo; e foram apozentados nos melhores apozentos da cidade, faziam suas guardas e sentinellas na praça da cidade, e os postos della, seguindo sua ordenança, e estilo de gente de guerra, e prezidio. Os portuguezes faziam seu corpo de guarda no adro da Sé, onde estavam todos os dias duas companhias, porque tambem não se fiavam dos francezes, que sempre havia bréigas uns com os outros. Havia tambem vigias pela costa de toda a ilha, todos os montes; a gente de cavallo eram as rondas; podia haver de inglezes, e francezes como oitocentos soldados, porque depois d' ai a mais de um anno veio Monsieur de Chatres com alguns mil e trezentos soldados; e naus francezas e inglezas nunca faltaram no porto da cidade.

Continua.

CHRONICAS MONASTICAS.

II

DA COMPANHIA DE JESUS.

Continuação.

Seguimos hoje na descripção da sumptuosidade com que foi riscado o hospital de S. José, para se conhecer qual a capacidade que tinha o magnifico edificio do collegio de Santo Antão.

- 141 Egreja.
- 142 Capellas.
- 143 Atrios da entrada para a egreja.
- 144 Passagens publicas para a egreja e sachristia.
- 145 Escadas para subir ao coro.
- 146 Adro.
- 147 Mercieiras.
- 148 Passagem das mercieiras.
- 149 Pateos das mercieiras.
- 150 Jardim das enfermeiras.
- 151 Escadas para uso das conuaiescentes e enfermeiras.
- 152 Casa do forno das enfermeiras.
- 153 Casa de lenha, das ditas.
- 154 Casa de lavagem das ditas.
- 155 Passagem da casa do forno para a de lavagem.
- 156 Casa d'agua para as enfermeiras.
- 157 Casa d'agua dos meninos da capella.
- 158 Tanque para lavagem.
- 159 Celleiros.
- 160 Açougue de vitela.
- 161 Sumidoiros geraes.
- 162 Transito da passagem, e onde se guardariam os carros.
- 163 Casa dos bois.
- 164 Palheiro.
- 165 Casa do marchante.
- 166 Casa dos carreiros.
- 167 Casa dos farellos.
- 168 Casa da abegoaria.
- 169 Commodo do mestre de latim.
- 170 Escada de serventia para o cura, thesoureiro, e meninos da capella irem á egreja.
- 171 Pateo com poço ou cisterna para uso de se lavarem as carruagens dos enfermeiros mores.
- 172 Cocheiras das ditas carruagens.
- 173 Casa dos arreios.
- 174 Pateo de gallinhas.
- 175 Casa de gallinhas.
- 176 Sumidoiros para uso dos criados.
- 177 Pateo da entrada das carruagens.
- 178 Cavalhariça das bestas dos enfermeiros mores.
- 179 Palheiro.
- 180 Casa dos moços da cavalhariça.
- 181 Casa d'agua da cavalhariça.
- 182 Tanque para as bestas beberem.
- 183 Celleiro da cevada.
- 184 Escada por onde se devia subir á copa.
- 185 Casa de lenha da copa.
- 186 Casa do porteiro.
- 187 Loja para os enfermeiros mores na passagem para o pateo das carruagens.
- 188 Escada principal.
- 189 Passagem para as officinas e commodos dos criados, e do uso de levarem o comer pela escada principal nos dias publicos.
- 190 Casa dos moços.
- 191 Casa devoluta.
- 192 Casa da pastelaria.
- 193 Casa das massas.
- 194 Casa das farinhas.
- 195 Cosinha.
- 196 Casa da lavagem da cosinha.
- 197 Tanque da agua da cosinha.
- 198 Dispensa.
- 199 Casa do cosinheiro e seu ajudante.
- 200 Escada que subia para a casa de jantar.
- 201 Serventia para a casa de jantar.
- 202 Commodos dos criados graves da casa.
- 203 Sala deitando para o jardim.

- 204 Escada descendo para o dito.
 205 Jardim.
 206 Commodos do comprador do Hospital.

Tal é a explicação da primeira planta. Não menos curiosa era a segunda planta, respectiva ao pavimento do primeiro andar. Era a seguinte:

- 1 Casa da Fazenda, e ficava por cima da entrada principal do Hospital.
- 2 Casa do escriptorio dos enfermeiros-mores.
- 3 Casa da residencia dos ditos.
- 4 Casa para estar o papelista mais prompto todas as vezes que fosse chamado.
- 5 Casa fechada e segura para o cofre do Hospital.
- 6 Casa para os livros da casa da Fazenda.
- 7 Cartorio grande para os papeis da secretaria.
- 8 Serventia publica do uso do Hospital.
- 9 Escada principal para a casa da Fazenda.
- 10 Casa de espera do publico. Por esta casa havia passagem para o quarto dos enfermeiros-mores, e para a casa da Fazenda.
- 11 Casa de espera das pessoas particulares.
- 12 Commodo do papelista.
- 13 Commodo de um secretario.
- 14 Passagem para o quarto dos enfermeiros-mores.
- 15 Salão para a livraria.
- 16 Casa da copa.
- 17 Casa de lavagem da copa.
- 18 Escada descendo ao commodo do copeiro.
- 19 Sala vaga do quarto dos enfermeiros-mores.
- 20 Escada principal do quarto dos enfermeiros-mores.
- 21 Primeira guarda-roupa dos ditos.
- 22 Segunda guarda-roupa.
- 23 Casa de receber visitas.
- 24 Casa de se vestirem.
- 25 Casa dos vestidos.
- 26 Passagem dos criados para a casa de vestir, e casa de receber visitas, e de jantar.
- 27 Escada da cozinha para a casa de jantar e quarto dos enfermeiros-mores. Tambem de uso para o jardim e para o quarto dos filhos dos enfermeiros-mores.
- 28 Casa de jantar.
- 29 Corredores com serventia para os dois quartos.
- 30 Casa da Dona.
- 31 Oratorio.
- 32 Sacristia.
- 33 Tribuna de senhoras.
- 34 Primeira antecamara.
- 35 Segunda antecamara.
- 36 Terceira antecamara.
- 37 Camara.
- 38 Camarim.
- 39 Casa de vestir e toucador.
- 40 Casa de vestidos.
- 41 Galeria de passagem para a casa de jantar.
- 42 Casa para guarda dos pannos e mais pertencas á casa de jantar.
- 43 Escada descendo do quarto das senhoras ao jardim, e subir ao quarto dos filhos.
- 44 Passagem para um transitio vago em que devia estar a escada para as tribunas.
- 45 Transitio vago.
- 46 Escada para as tribunas.
- 47 Passagem para as varandas.
- 48 Varandas.
- 49 Retrete.
- 50 Sumidoiro.

- 51 A area das torres.
- 52 A area do atrio dando serventia á igreja.
- 53 Area da igreja.
- 54 Area das capellas.
- 55 Area dos corredores que ficavam no plano da igreja.
- 56 Escada subindo ás ante-areas e ao coro.
- 57 Corredores das tribunas.
- 58 Casa com tribunas para el-rei.
- 59 Ante-tribuna.
- 60 Escada da tribuna real para a dos camaristas, e para o plano da igreja.
- 61 Escadas para a tribuna do Sacramento.
- 62 Escada principal para uso do rei.
- 63 Commodo do coadjutor com escada para os meninos da capella.
- 64 Passagens publicas para o cura, coadjutor, e meninos da capella, e thesoureiro, para as tribunas, e para dentro do Hospital.
- 65 Commodos dos meninos da capella.
- 66 Tribuna do Sacramento.
- 67 Escada para os doentes.
- 68 Casa onde os doentes esperam.
- 69 Casa para os medicos acceitarem os doentes, e o escrivão fazer os assentos.
- 70 Casa para onde passavam os doentes depois de acceitos.
- 71 Casa das confissões dos doentes.
- 72 Passagem para a escada por onde saíam os enfermos já curados.
- 73 Passagem para a casa do escrivão dos assentos.
- 74 Portaria dos homens.
- 75 Passagem com serventia a todas as enfermarias d'este plano.
- 76 Enfermaria dos feridos.
- 77 Enfermaria dos presos.
- 78 Rouparia da dita.
- 79 Despejadoiro da dita.
- 80 Transitio onde deviam estar os soldados de sentinella.

Continua.

F. D. D'ALMEIDA E ARAUJO.

FASTOS AÇORIANOS.

Continuação.

VIII

SAN-MARTINHO.

« Un historien qui rapporte des événements arrivés de sons temps, est cru à proportion de sa sincérité et de l'opinion que le public a de la bonté des moyens qu'il a employés pour s'instruire. »

ROBERTSON — HIST. DE L'AMÉRIQUE.

No undecimo dia de novembro celebra a igreja Catholica a memoria de San-Martinho, bispo, commemoração ecclesiastica com que andam a par e em rivalidade certos festejos provinciaes espontaneos, que o povo açoriano publicamente consagra ao mesmo heroe.

Diremos primeiro em que consistem os folgares. Só depois levaremos o passo incerto pelo escuro caminho das origens presuppuestas.

O viajante curioso, que pela noite de dez de novembro, bem enroupado fizesse rosto ao sopro inver-

nal do *matta-vaccas* (vento noroeste) e discorresse as povoações ruraes, ou as ruas cortadas das cidades, uma das quaes, de assente que parece sobre as aguas do oceano, sobe em doce amphitheatro sua casaria alvacenta, as torres e campanarios, os arvoredos e bellas casas de campo: — o viajante, cujo espirito attento tivesse por costume conversar os acontecimentos e os espectaculos, e perguntar á historia os liames, que elles tinham com o passado:—nos grupos ambulantes e multiplicados de povo, com seu frenetico tanger de latas, chocalhos, e cascaveis, veria a manifestação passageira, quasi inexplicavel, de um sentimento extravagante, que com a algazarra dos rapazes endiabrados, bem pudera proval-o na paciencia, e resistencia dos ouvidos!

É que rapazes; em toda a parte constituem bando uniforme de endemoninhados desinquiets, que a seu cargo tem todo o serviço da desinvoltura, e nos Açores, um dos papeis principaes da salsada do San-Martinho.

Era lenda mui comprida a que já a certa velha ouvimos contar a respeito dos rapazes. Todo o fundo se compunha d'um banquete, para que o demo fôra convidado, e promettera ir; designio que depois revogara, logo que o informaram de que á boda concorriam tambem rapazes, de quem elle mais que tudo se arreceava. D'aqui concluia a boa velha, apoz os obrigados *era uma vez um dia, e ora vae d'ahi*, o seu eterno stygma de que « rapazes, nem o diabo quizera estar com elles!... » E com isto se riem todos na infancia, folgam, prosequem, e dizem entre si que tudo aquillo é falso, e romance, e injuria mal merecida!

Mas, deixando a rapaziada, que já bem estabelecido fica ser má gente, vamos ao que importa, vamos ao nosso San-Martinho.

As sociedades, os compromissos populares, não tem mesa nem estatuto, mas talvez que por isso mesmo o seu espirito e unidade-viva mais. Quem sabe?

As irmandades do santo *da pipa* só tem por lei fundamental, entre os irmãos, crapula obrigada na vespera da sua annual commemoração; e o tradicional e austero desempenho d'esta regra, com seus festejos irrisorios, nos parece ser confirmação d'aquella suspeita.

Como a acção da policia, que vigia sobre o excesso das alegrias publicas, é nulla ou menos pronunciada, assim o busio, ou o chocalho estrondoso, cede o passo á procissão silenciosa, comprido sequito de devotos enfileirados, dando por todas as ruas rebate aos irmãos reclusos, para irem na cava mysteriosa consummar o sacrificio com o sermão, e o convívio.

A respeito do burlesco sermão quereis ver um specimen do que elle é ou foi? Lembra-nos ter visto alguns, com variantes mui curiosas e extravagantes. Um d'elles começava pela invocação:

Per vinum dulce, libera nós Bacchus nosler de vinagrantibus polis: In nomine panis, et vini, et spiritus bacchantis. Amen. Borracharia.

O thema do sermão era:

In vita et morte, ne deficias nobis: Queremo-nos achar contigo em vida e morte. Palavras de adegas, capitulo de pipas, verso de copos.

O exordio começava:

«Que vejo, que sinto, que tanto se assimilha ás linguas de Babylonia? Será talvez José Bonaparte, será Hespanha, será Napoleão, opprimido por D. Carlos de Allemanha? Não senhores, não. É Baccho que entre estes galfarros se está vendo mais oppri-

mido do que o diabo entre a cruz e a caldeirinha!»

Todo o resto do discurso era de equal jaex!

Mas porque é, que entre a memoria de Martinho e os amigos do vinho, existe tão estreita correspondencia, que até por podas e vindimas nos lembra ouvir descantar-lhe:

«San-Martinho, santo bispo,
Feito de pau de sanguinho,
Consolae-me esta guela
C'uma pinguinha de vinho?»

N'um supposto milagre, conservado n'uma lenda popular, querem os rusticos encabeçar a devoção. Contam, que missionando o tourunense e os seus monges, lhes apertara a sêde onde minguava agua, pelo que se soccorreram a um taverneiro, que lhes apresentou vasia a pipa! É então que se inflamma o zelo apostolico do bispo, e, parodia de Moysés, se escanCHA sobre a vasilha, e manda que d'ella aparem vinho! Opera-se o milagre!... todos pasmam... as sêdes mitigam-se e ultrapassam talvez a saciedade... D'este modo é que o bom varão se constitue protector dos bebedores!...

Seja quem como fôr, ou os regosijos do povo açoriano partam d'essa profanissima origem, ou do costume immemorial de celebrar annualmente por este tempo a limpeza dos vinhos, á similhaça de muitas festas, que subsistem por toda a Europa, especialmente a das ceifas, que ainda dura entre os sicilianos; é inquestionavel que o santo catholico ficou popular advogado das alegrias bacchicas.

Concluimos com o que d'elle diz Chaudon e Delandine no seu *Nouveau Dictionnaire Historique*: — «Cerca do anno 383, o santo bispo Martinho se apresentou em Treves, para alcançar algumas graças do imperador Maximo, que o poz á mesa com os mais illustres personagens da côrte, e lhe deu assento á direita. Quando o official apresentou a taça cheia ao imperador, este a fez dar primeiro a Martinho, e a recebeu depois da sua mão. É por isso que se diz que o santo, acceitando a taça das mãos de Maximo, ficara patrono dos bebedores! A sua festa, coincidindo com a colheita dos vinhos, foi por muito tempo celebrada em França com danças e banquetes.

Na linguagem antiga *martinhar* era beber com excesso; e *mal de San-Martinho* o mesmo que embriaguez. Para se justificar de ter feito longa a syllaba *bi*, da palavra *bibere*, escreveu um poeta antigo o verso:

«*Bibere Martinus non sinit esse breve*»

«Martinho não consente que o beber seja breve.»

JOSÉ DE TORRES.

A austeridade da critica frequentemente converte os censores em zelosos.

A historia é a unica tocha que pode diffundir alguma baça luz nas trevas do passado.

Não ha vidro mais quebradiço, que a fama da honestidade, e honra feminil.

Ha homens, que são meras machinas, de que outros são motores.

(APHORISMOS) — MORAES CARVALHO.